

António Pedro Marques*

Universidade do Porto - ILC

Frias, Joana Matos (2023), *Oscilações (poesia em todos os sentidos)*, Lisboa, Documenta. 344 páginas. ISBN: 978-989-8834-53-9.

À entrada deste volume de dezasseis ensaios maioritariamente sobre – melhor seria dizer a partir de – poesia, o texto introdutório de Joana Matos Frias (JMF) leva como título um simples e à partida inocente “O que é isto?”. Ou seja, à primeira vista, o que é isto *esta* escolha e ordenação de textos reunidos sob um tecto que parece demasiado abarcante: *Oscilações (poesia em todos os sentidos)*. O que poderia não caber sob esta designação? A introdução dá-nos já muitas respostas à pergunta inaugural e até a outras – desde logo, sob a forma de quatro “premissas” e três “advertência[s]” epistemológicas e existenciais (11) –, mas é sobretudo pela experiência de leitura dos ensaios que chegamos ao outro lado da pergunta, para percebermos como ela não se refere apenas à escolha dos textos que compõem o livro, é sim um envio muito mais essencial: “O que é isto?” é também a interrogação nua, sempre renovada, perante o funcionamento do poema que é o motivo que corre por baixo deste pensamento irradiante – também ele em todos os sentidos, e necessariamente, como veremos mais adiante. Com esta constatação, estaríamos no campo da obviedade se toda a escrita sobre ou a partir de poesia demonstrasse *sempre* essa força motriz, como é, parece-nos claro, o caso destes ensaios e, aliás, da já vasta produção ensaística de JMF. Por mais diversos que sejam os inegáveis recursos analíticos e teóricos da autora, esse “sobressalto” original, provocado pelo poema que se furta à interpretação, está sempre visível nas costuras destas dezasseis propostas de leitura. No caso deste livro e mais globalmente de JMF – dos seus interesses, saberes e modos de ler –, a interrogação “O que é isto?” desdobra-se tendencialmente, dir-se-ia mesmo quase sempre, num plano intermedial (ou interartístico ou transmedial), reiterando um mais específico *o que é isto*, ou seja: perante objectos de análise que se inscrevem de forma mais ou menos clara no campo da intermedialidade, procura-se saber quais os sentidos a que o texto apela, quais os sentidos que o texto convoca, que sentido dar ao texto que oscila irredutivelmente entre meios e por isso força a que a leitura se socorra também ela de outros meios, artísticos como teóricos.

Por *sentidos* – e repita-se que o subtítulo do livro diz, num maximalismo quase provocatório, “poesia em todos os sentidos” – devemos entender: 1) a dimensão perceptiva vista pela lente da estética: os cinco sentidos revisitados criticamente com apoio, não só mas também, num autor que é fundamental para JMF, Jean-Luc Nancy, e desde aqui a defesa e a demonstração da sua importância em todo o empreendimento de análise intermedial ou interartística; 2) a dimensão espacial da intermedialidade:

trata-se de ler a poesia em viagem iterativa “em todos os sentidos” (direcções), num ir e vir *entre meios*, que são os meios artísticos convocados mas também os meios teóricos, em JMF mais vastos do que o campo da teoria ou da análise literária; 3) o sentido como significado, elevado à condição cognitiva de um *sexto sentido*, “que ultrapassa, numa espécie de movimento dissolutivo ou sublimatório, os cinco sentidos tal como tradicionalmente os separamos por abstracção”, em suma, um “sentido inteligível” (12); 4) e ainda o sentido no plano emotivo, tópico exemplarmente explorado no ensaio em torno da “poética da cassette” (277-298). Mas o sistema de leitura de JMF, e era também aqui que queríamos chegar, não é parafraseável ou resumível com brevidade. Logo na introdução percebemos que JMF acompanha criticamente, a par e passo, todos os debates e desenvolvimentos relevantes no campo dos estudos intermediais, de poesia principalmente, a ponto de poder evitar cair em armadilhas essencialistas: as suas premissas sobre a (in)traduzibilidade (12-13), sobre a inescapabilidade das fronteiras entre meios (13-14) e sobre a clarificação dos “vários significados da noção de meio” (14) são disso exemplo, meticolosamente seguido nos ensaios do volume. Nota também para um sublinhado importante de JMF a Hans Ulrich Gumbrecht: uma análise intermedial não deve ceder à tentação “extremada” de ler tudo como texto, por um lado, ou de ler tudo como forma material, por outro: “a abordagem interpretativa de base hermenêutica visando o sentido dos objectos literários e a consideração crítica da sua materialidade, isto é, das formas da sua presença, podem e devem conviver harmoniosamente” (15).

A partir destes pressupostos, JMF oferece-nos leituras necessárias e inovadoras como o ensaio sobre a poesia de Nuno Guimarães (97-122) ou o ensaio sobre os sempre difíceis “objectos principais” de António Franco Alexandre (209-220), mas também um particularíssimo texto, repleto de ironia, em torno do frágil entendimento de Vergílio Ferreira sobre a poesia (171-187). É também original e desafiante a leitura que se faz da produção de Armando Silva Carvalho (189-208), ao assinalar uma coerência, em toda a sua obra e nem só a poética, que facilmente passaria despercebida a um leitor mesmo se atento. Mas é nas considerações sobre a obra (crescentemente) híbrida de Rui Pires Cabral (221-240) que vemos este pensamento na sua máxima força, ao ponto de as elucubrações de JMF parecerem por vezes mais interessantes e instigantes do que o próprio objecto de que se ocupa, sem que isso derive de qualquer gesto de sobreinterpretação, antes de uma leitura que vai a todos os lugares possíveis para poder pensar os objectos sem dúvida inquietantes de Rui Pires Cabral e, de caminho, também a natureza de todo o gesto expressivo intermedial. O texto sobre a poesia especulativa de Marília Garcia (241-276), para além de recordar o leitor de JMF que está perante uma leitora atenta da poesia brasileira contemporânea e modernista – a sua dissertação de mestrado incidiu sobre Murilo Mendes –, sublinha ainda outra vez esta amplitude de leitura que faz de *Oscilações (poesia em todos os sentidos)* um contributo *exemplar* para os estudos (e estudiosos) de poesia em Portugal. Exemplar porque *demonstra* como a análise literária não é apenas enriquecida com o alargamento do campo teórico de apoio: para certos objectos e certas

obras que já se apresentam como problematicamente em estado intermedial, esse modo de ler é necessário para que qualquer gesto hermenêutico significativo possa emergir. Esses *certos objectos* e *certas obras*, vêmo-lo distintamente ao percorrer este e outros livros de JMF, são afinal muitos e diversos na poesia portuguesa, assim como muitas e diversas são as estratégias de leitura com que lhes é preciso responder.

Para terminar, nota ainda para uma tendência persistente dos ensaios de Joana Matos Frias que, neste livro, continua a manifestar-se: a grande criatividade posta nos títulos, e também nos subtítulos, entre trocadilhos e envios repletos de teoria e ironia, a dar a ver que na origem destes textos, a par da sempre reiterada interrogação “O que é isto?”, estão também o prazer e o jogo – o ensaio, portanto.

NOTA

* António Pedro Marques nasceu em 1991 no Entroncamento. Com o apoio de uma Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, é doutorando no programa em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Está a desenvolver uma tese em torno da noção de “inimigo” nas obras de Herberto Helder e Sean Bonney, orientado pelos Professores Pedro Eiras (FLUP/ILCML) e Rui Carvalho Homem (FLUP/CETAPS). Em 2012 licenciou-se em Ciência Política e Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – NOVA FCSH.

Esta recensão foi escrita no âmbito da Bolsa de Doutoramento com a referência 2022.11522.BD, desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade de I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020).